



Militares norte-americanos durante instrução de tiro real na Base de Grafenwoehr, 17 Jun 14.
Cap John Farmer

Experimentação do Exército dos EUA Desenvolvendo a Força do Futuro — *Army 2020*

Van Brewer e CMG (Res) Michala Smith, Marinha dos EUA

Van Brewer, Ph.D., é o Chefe do Setor de Análise da Divisão de Experimentação Conjunta e do Exército, Centro de Integração de Capacidades do Exército dos EUA. Sua formação inclui 19 anos em experimentação operacional e 12 anos de simulação e análise de sistemas de mísseis. Concluiu o bacharelado em Física pela University of Tennessee, o mestrado em Teoria de Controle e Comunicações pela University of Alabama em Huntsville, e o doutorado em Gestão de Engenharia pela Old Dominion University.

A CMG Michala M. Smith, da Reserva Remunerada da Marinha dos EUA, trabalha na empresa Quantum Research International e integra a Equipe Conjunta e do Exército de Apoio à Experimentação. A CMG Smith serviu durante 29 anos na Marinha dos EUA. Serviu no comando de uma instalação costeira e como oficial da Divisão de Logística do Estado-Maior Conjunto. Concluiu o bacharelado pelo College of Steubenville e o mestrado pelo Naval War College.

O Chefe do Estado-Maior do Exército dos Estados Unidos da América (equivalente ao Comandante do Exército no Brasil) determinou a reformulação do Exército de 2020 em resposta a recursos cada vez mais reduzidos e a mudanças na estratégia de defesa. Conforme o Exército dos Estados Unidos da América (EUA) começa a reduzir seu componente ativo de 570 mil para 490 mil militares ou menos e o orçamento continuar a encolher, será fundamental planejar uma força de combate efetiva com base nos novos números¹. O Exército dos EUA está diante de um momento decisivo e precisa definir como continuará a ser uma força efetiva em âmbito mundial, baseada no território continental dos EUA, considerando as restrições de recursos citadas.

Um Histórico de Reduções

Todas as Forças Singulares norte-americanas enfrentaram desafios como esse durante as reduções de tropas após a Segunda Guerra Mundial, a Guerra da Coreia e a Guerra do Vietnã. Por ser a maior delas, o Exército enfrentou desafios particularmente significativos durante o século XX, conforme buscou manter a estrutura da força que, segundo previa, seria necessária para conflitos futuros². As dificuldades do Exército se agravaram quando a pressão política para reduzir gastos acelerou a redução da Força. As reduções drásticas do Exército dos EUA após a Segunda Guerra Mundial para atender a restrições fiscais, por exemplo, fez com que muitas unidades ficassem abaixo do efetivo mínimo e recebessem treinamento insuficiente. Quando a Guerra da Coreia eclodiu, o Exército dos EUA estava despreparado para o conflito, sofrendo, em consequência, derrotas vergonhosas³.

Após a Guerra do Vietnã, o Exército dos EUA efetuou uma redução que levou à chamada "força oca" ("hollow force") do final dos anos 70 e início dos anos 80⁴. Para combater essa deterioração, o Exército dos EUA se concentrou em desenvolver uma Força contemporânea por meio do que ficou conhecido como "Projeto Divisão 86"⁵. A subsequente reorganização baseou-se em um conceito denominado *Combate*

Ar-Terra, que se transformou na doutrina de combate do Exército dos EUA de meados ao final dos anos 80. Assim, teve início uma era moderna de pensamento, centrada em prever como o combate seria conduzido no futuro e o que o Exército dos EUA precisaria fazer para continuar a cumprir sua missão. A experimentação com diferentes ideias foi uma abordagem comum para analisar a potencial efetividade das novas organizações, sem o combate. Essas experiências iniciais representaram futuras ameaças e capacidades em um ambiente previsto. Os resultados desses jogos de guerra foram, então, avaliados para determinar a validade dos novos conceitos.

A capacidade de criar e analisar formas de aprendizado especificamente adaptadas, que reproduzem os desafios complexos do Exército, continua sendo a razão de ser da experimentação operacional. Atualmente, a experimentação do Exército continua a analisar futuras estruturas e reduções da Força (em termos de efetivos e de equipamentos) em cenários do mundo real. O Comando de Instrução e Doutrina (*Training and Doctrine Command — TRADOC*) conduz a experimentação por meio de organizações subordinadas ao seu Centro de Integração de Capacidades do Exército (*Army Capabilities Integration Center — ARCIC*). A Divisão de Experimentação Conjunta e do Exército; as diretorias de desenvolvimento e integração de conceitos em cada centro de excelência do Exército dos EUA; e outros parceiros realizam a experimentação. A experimentação é um método objetivo de determinar as capacidades, organização e comando e controle necessários para combater qualquer ameaça em qualquer local ou momento previsto. O Exército cria modelos, simula e conduz jogos de guerra com diversas estruturas de força e concepções de unidades, a fim de determinar o emprego mais efetivo de seus limitados recursos. Esse processo deliberado reduz o risco para os soldados e aumenta a probabilidade de acertar na primeira vez em que a Força enfrente adversários no mundo real. Nos últimos anos, algumas concepções experimentais funcionaram bem, e outras não.

Em 2012, o Exército começou uma iniciativa com duração prevista de três anos, destinada a analisar as implicações do “Army 2020”, ou “Exército 2020”, avaliando mudanças significativas na concepção da Força, que a transformariam de um Exército envolvido em dois conflitos intensos a um Exército de tempo de paz, capaz de enfrentar quaisquer ameaças. Este artigo discute os resultados da experimentação nos anos fiscais de 2012 e 2013. A Divisão de Experimentação Conjunta e do Exército utiliza uma abordagem cooperativa para pesquisar questões fundamentais por meio de uma comunidade de prática de experimentação que compreende o

TRADOC, laboratórios de combate do Exército dos EUA e outras partes interessadas do âmbito conjunto e interagências⁶.

Experimentação do Ano Fiscal de 2012

Durante o ano fiscal de 2012, o setor de experimentação concentrou-se na concepção da Força; capacidades de reconhecimento e vigilância; capacidades de Inteligência, de sustentação (apoio logístico) e de comunicações; e requisitos de comando e controle. O plano de experimentação para o ano de 2012 pesquisou e avaliou propostas de concepção da Força em uma ampla gama de operações militares. As experiências enfatizaram

Questões	Resultados
Condensar um escalão de comando e controle	A fusão do Exército do teatro de operações e Corpo de Exército gera um alcance de controle amplo demais para os comandantes e estados-maiores conforme organizados atualmente.
Alinhamento funcional de escalões acima de Divisão; avaliar capacidade de assessoria do Exército	Alinhamento funcional em escalões acima de Divisão segundo funções de combate não gerou eficiências para apoio de manobra ou apoio médico. Ações de assessoria devem ser adaptadas para cada missão e cultura, e para o apoio de parceiros de ações unificadas.
Avaliar o papel do Exército na prevenção de conflitos moldando e combatendo ações antiacesso/negação de área	As operações militares precisam ser vistas em um contexto do governo como um todo. O Departamento de Defesa e o Departamento de Estado dos EUA precisam de planos integrados que estabeleçam objetivos e atividades unificados.
Corpos de Exército, Divisões e Brigadas regionalmente alinhados	Melhoram a capacidade do Exército para interagir com as Forças Armadas e órgãos civis de outros países.
Brigada de reconhecimento e vigilância	A estrutura proposta tinha insuficiente poder de combate para apoiar comandantes em escalões acima de brigada. A concepção foi modificada para uma Brigada de Combate (<i>Brigade Combat Team — BCT</i>) de reconhecimento e segurança, que lhe permitiu funcionar conforme pretendido.
Integração das Forças de Operações Especiais e Forças Convencionais	Há a necessidade de um conceito abrangente do Exército que facilite a interdependência entre as Forças de Operações Especiais e as Forças Convencionais.
Término da Guerra	O Departamento de Defesa e o Departamento de Estado dos EUA precisam estabelecer um arcabouço para o planejamento de término da guerra, antes do início de uma operação conjunta de “entrada forçada”.
Avaliar interdependências com os parceiros de ações unificadas	O Exército e demais Forças Singulares se tornarão mais interdependentes com parceiros de ações unificadas, exigindo a identificação de capacidades e deficiências.

Tabela 1. Resultados da experimentação do ano fiscal de 2012

Fatores estudados	Resultados
Poder de combate de equipes de combate de brigada	As atualizações de concepção de Força do Army 2020 aumentam o poder de combate da Brigada de Combate (<i>Brigade Combat Team — BCT</i>).
Operações nos escalões Corpo de Exército e Divisão	As atualizações de concepção da Força do Army 2020 e os sistemas preexistentes restringem a capacidade dos comandantes de Corpo de Exército e Divisão para controlar o ritmo operacional e limitam a flexibilidade de atribuir missões a unidades subordinadas.
Meios para os escalões Divisão e subordinados	As atualizações de concepção de Força do Army 2020 resultam em deficiências críticas no número de meios de vigilância, reconhecimento, Polícia do Exército, engenharia, defesa antiaérea e antimísseis, de rede e de Inteligência disponíveis nos escalões Divisão e subordinados.
Meios de baixa densidade e alto valor	A vulnerabilidade de meios de baixa densidade e alto valor gera riscos para a missão e para a Força.
Habilidades para conduzir operações de combate de grande porte	As habilidades básicas exigidas para a condução de operações de combate de grande porte se atrofiaram ou estão em elementos externos.
Implementação de novas concepções	Os comandantes precisam levar em consideração o tempo, adestramento e integração adicionais exigidos pelas concepções de Força do Army 2020.
Interações ar-terra	O aumento de interações ar-terra (como asa fixa, asa rotativa, veículos aéreos não tripulados, artilharia antiaérea, foguetes, morteiros e mísseis) criou um complexo problema de coordenação aeroespacial.
Comando e Controle	As atualizações de concepção de Força do Army 2020 aumentam os desafios de comando e controle e requerem maior entendimento de sistemas do campo de batalha.
Doutrina	O Army 2020 exigirá atualizações e esclarecimentos da doutrina.
A integração, coordenação e sincronização de forças	O Army 2020 aumenta a capacidade de integrar, coordenar e sincronizar meios nos escalões Corpo de Exército e Divisão.

Tabela 2. Resultados da experimentação do ano fiscal de 2013

uma guerra convencional tradicional, incluindo desafios pré-conflito e pós-conflito. A plataforma básica (cenário) para o experimento utilizou um adversário válido com capacidades quase equiparadas em um ambiente operacional realista.

A experimentação do Exército começou a utilizar uma operação de grande escala completa em 2012, conectando atividades do começo ao fim por todas as fases operacionais conjuntas⁷. O conceito “conjunto de faseamento” forneceu um modelo abrangente para avaliar as ideias sob consideração — aplicadas em paz e guerra, em diferentes períodos e em áreas geográficas diferentes e afastadas. A execução do planejamento de

experimentação do ano fiscal de 2012 evoluiu continuamente, conforme novos entendimentos revelaram a necessidade de uma pesquisa mais aprofundada de certas áreas ou em direções totalmente imprevistas. A Tabela 1 resume os resultados da experimentação do ano fiscal de 2012⁸.

A experimentação no ano fiscal de 2012 reforçou a observação crítica de que o Exército não pode conceber e tentar executar uma campanha terrestre sem ponderar questões de término da guerra e sem o envolvimento dos parceiros de ações unificadas⁹. O planejamento de término da guerra deve levar em consideração o apoio e a proteção de populações e tropas, incluindo a

defesa de meios habilitadores essenciais durante a retirada. Algo que também ficou evidente na experimentação do ano fiscal de 2012 (e anos anteriores) foi o fato de que, embora estejamos desenvolvendo um Exército extremamente capaz, sua capacidade advém de uma base frágil de meios habilitadores da Força. Precisamos ter cautela para evitar que estes se tornem nosso calcanhar de Aquiles.

Experimentação do Ano Fiscal de 2013

As experiências do ano fiscal de 2013 foram desenvolvidas com base nos resultados das de 2012. Em 2013, o setor de experimentação buscou avaliar a integração de iniciativas de concepção de Força do Exército e as soluções propostas para mitigar os déficits em capacidades. Originalmente, mais de quarenta iniciativas haviam sido associadas ao *Army 2020*. No ano fiscal de 2013, o Exército dos EUA identificou oito áreas essenciais para avaliar as mudanças organizacionais, interdependências e capacidades de que a Força do futuro precisaria para cumprir os objetivos operacionais e táticos¹⁰:

- ◆ reorganização da Brigada de Combate (*Brigade Combat Team — BCT*);
- ◆ Brigada de Combate de reconhecimento e vigilância (modificado posteriormente para reconhecimento e segurança);
- ◆ fogos;
- ◆ concepção de sustentação e conceito de apoio;
- ◆ iniciativas de Inteligência 2020;
- ◆ proteção e apoio de manobra;
- ◆ aviação;
- ◆ apoio médico.

A campanha de experimentação de 2013 compreendeu seis eventos, concebidos para abordar atividades operacionais sucessivas, incluindo definição, ou conformação, do teatro de operações; transição para o combate; combate; e transição do combate para o tempo de paz. Cada experiência avaliou a concepção da organização, seu desempenho, as capacidades necessárias para o desempenho das tarefas e as habilidades de pessoal executadas ao longo das fases operacionais conjuntas. A Tabela 2 resume os resultados de experimentação do ano fiscal de 2013¹¹.

Em uma ação de parceria com a 2ª Divisão de Infantaria, certos aspectos do *Army 2020* foram incluídos no exercício *Warfighter* do Programa de

Instrução em Comando de Missão, conduzido na Coreia em dezembro de 2013. Esse evento conferiu a oportunidade de testar iniciativas selecionadas do *Army 2020* em um ambiente do mundo real e registrou a opinião de especialistas da área em relação aos seus conceitos operacionais e organizacionais. Avaliou, ainda, as operações em determinadas condições, dentro de um ambiente de exercício que impunha um conjunto particular de restrições, limitações e premissas. Apesar dessas limitações, o evento forneceu uma perspectiva operacional essencial, a ser acrescida aos resultados da experimentação.

Os dois anos de experimentação no âmbito de todo o Exército, seguidos de uma avaliação operacional no escalão Divisão em 2014, produziram resultados consistentes sobre o impacto de concepções da Força do futuro na situação do Exército¹². Esses resultados precisam ser considerados na concepção, desenvolvimento e implementação da Força do futuro.

O desempenho das concepções do *Army 2020* atendeu, de modo geral, às expectativas. Contudo, ficou claro que a *resiliência, ou capacidade de recuperação, deve tornar-se uma consideração significativa em concepções da Força do futuro*. As concepções do *Army 2020* aproximam-se de limites prudentes quanto à dimensão útil da combinação de forças, requerem excessiva organização de tarefas (o que apresenta consideráveis desafios de adestramento e alcance de controle) e geram uma dependência crescente de meios habilitadores de baixa densidade e alto valor.

Conclusão

A análise de iniciativas do *Army 2020* levará a melhores concepções de força e fatores de planejamento para avaliação. A Divisão de Experimentação Conjunta e do Exército espera divulgar, ainda em 2014, um novo documento descrevendo o conceito organizacional e operacional do *Army 2020*¹³. Esse documento discutirá os sucessos e desafios identificados na experimentação quanto ao conceito de Força do *Army 2020*. Todas as unidades na Força operacional sob transformação deverão receber o documento como parte de um pacote de apoio educacional.

Pressões sistêmicas, como reduções orçamentárias e de tropas, levaram a uma aceleração de conceitos e

fatores de planejamento do *Army 2020* para implementação em 2015. Portanto, o Exército dos EUA está mudando seu foco para 2025. A Força precisa avaliar não apenas as características da ameaça, mas também como enfrentá-la e derrotá-la. À medida que o Exército marcha rumo ao futuro, a experimentação continuará sendo a forma mais econômica e menos arriscada de testar novos conceitos. O

emprego de modelos e simulações, de jogos de guerra e de outros tipos de experimentação permite que o Exército dos EUA explore capacidades e concepções de Força *antes* de investir recursos escassos. A experimentação ajuda a identificar desafios, riscos e oportunidades. Por fim, garante que o Exército dos EUA continue sendo, no presente e no futuro, a Força Terrestre prevalente no mundo. ■

Referências

1. Congressional Research Service, *Army Drawdown and Restructuring: Background and Issues for Congress*, por Andrew Feikert, R42493, elaborados para os parlamentares e comissões do Congresso dos EUA. Washington, DC: United States Government Printing Office [GPO], 28 Feb. 2014, p. 14.
2. Combat Studies Institute (CSI), *Sixty Years of Reorganizing for Combat: A Historical Trend Analysis*, número 14, elaborado para o U.S. Army Combined Arms Center, Forte Leavenworth, Kansas: U.S. Army Command and General Staff College, Combat Studies Institute, Dec. 1999, p. 16.
3. *Ibid.*, p. 16-17.
4. Congressional Research Service, p. 28.
5. Combat Studies Institute, p. 41-49.
6. A Divisão de Experimentação Conjunta e do Exército (*Joint and Army Experimentation Division — JAED*), do Centro de Integração de Capacidades do Exército (*Army Capabilities Integration Center — ARCIC*); os laboratórios de combate do TRADOC e os laboratórios de combate do Exército colaboram, formando o setor de experimentação. Outros participantes conjuntos e interações incluem as demais Forças Singulares, representantes do Departamento de Estado, parceiros de ações unificadas do Reino Unido, Austrália e Canadá e outros órgãos governamentais.
7. Para obter informações sobre fases operacionais conjuntas, veja Joint Publication (JP) 3-0, *Joint Operations* (Washington, DC: GPO, 11 Aug. 2011), V-6. As Fases de 0 a V representam as ações antes, durante e depois das operações de combate.
8. Os dados apresentados na Tabela 1 apareceram, originalmente, em um relatório interno de avaliação do *Army 2020* elaborado pelo ARCIC em 2014.
9. A expressão "parceiros de ações unificadas" registra todos os tipos de entidade com os quais as Forças militares sincronizam, coordenam e integram atividades (designados, anteriormente, de parceiros conjuntos, interagências, intergovernamentais e multinacionais [JIIM]).
10. Uma atribuição de tarefas do TRADOC em 2012 delineou um plano para o *Army 2020*, baseado no conceito originalmente desenvolvido pelo Departamento do Exército. A ordem enumerou 40 questões a serem tratadas; o Estado-Maior da JAED selecionou oito áreas para a experimentação.
11. Os dados apresentados na Tabela 2 apareceram, originalmente, em um relatório interno de avaliação do *Army 2020*, elaborado pelo ARCIC em 2014.
12. Uma versão preliminar do Conceito Organizacional e Operacional do *Army 2020* estava sendo elaborada quando da redação deste artigo, em parceria com os Estados-Maiores da JAED, da 2ª Divisão de Infantaria, do 8º Exército, do Programa de Instrução em Comando de Missão e outros integrantes do setor de experimentação.
13. Relatório interno de avaliação do *Army 2020* elaborado pelo ARCIC em 2014.